IMPRESSÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNIOESTE- *CAMPUS* DE FRANCISCO BELTRÃO/PR

DOI 10.4025/revpercurso.v9i1.35421

Tatiane Paiz Farezin

Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE,campus de Francisco Beltrão. E-mail: tatiane_paiz@outlook.com

Najla Mehanna Mormul

Doutora em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá e Professora do Curso de Geografia da Unioeste, campus de Francisco Beltrão. Professora de Estágio Supervisionado em Geografia. E-mail: najlamehanna@gmail.com

RESUMO: A temática abordada neste estudo refere-se à formação de professores do curso de Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná- *campus* de Francisco Beltrão. Visamos investigar o processo de formação dos discentes do 4º ano de Geografia/Licenciatura, turma 2015, com a finalidade de entender qual a compreensão que possuem em relação à formação que obtiveram durante o curso e se eles se consideram capacitados em colocar em prática os conhecimentos adquiridos e/ou (re) elaborados ao longo do processo formativo. Para o apresto deste artigo realizamos pesquisa bibliográfica nos amparando fundamentalmente em: Campos (2012), Cavalcanti (2002), Girotto &Mormul (2014), Oliveira (2015), entre outros, para qualificar as discussões apresentadas. Também realizamos pesquisa empírica através de questionários com os discentes do 4º ano e docentes do curso de Geografia/Licenciatura. A partir da pesquisa foi possível constatar algumas fragilidades que podem ser resolvidas pelo próprio curso como: maior carga horária de disciplinas voltadas à formação de professores e, também maior articulação entre as disciplinas do curso. Salientamos ainda a existência de outras demandas que exigem investimentos financeiros associados, principalmente, à melhoria da infraestrutura e das condições de trabalho dos professores, ou seja, questões relacionadas ao papel do Estado como gestor da educação pública e gratuita paranaense.
Palavras-chave: formação de professores; Curso de Geografia; Ensino e aprendizagem.

IMPRESSIONS ABOUT THE TEACHER TRAINING OF GEOGRAPHY COURSE AT UNIOESTE- *CAMPUS* OF THE FRANCISCO BELTRÃO -PR

ABSTRACT: The theme approached in this essay refers to the teacher training of Geography course at Unioeste- Campus Francisco Beltrão. The vision was to investigate the process of the student training of the forth-year of the Geography/degree, class 2015, with the purpose to understand the formation that obtained during the course and the capacity to put into action

the knowledge acquired and/or elaborated in the formative process. For the article we realized bibliography research based in: Campos (2012), Cavalcanti (2002), Girotto; Mormul (2014), Oliveira (2015), among others, to qualify the discussions presented and, also we realized empirical research through of questionnaires with forth-year students and Geography/degree teachers. Through the research was possible to determine some weaknesses that can to be resolved by the course as: greater workload of disciplines referring the teacher training, and, also greater relationship between course disciplines. We point out the existence the others demand that require financial investments associated, mainly, the improvement of infrastructure and the conditions of teachers work, in others words; questions related the paper of state as manager of public and free education.
Key-words: Teacher formation; Course Geography; Teachingandlearning.

1. INTRODUÇÃO

Os cursos de formação de professores contemplam amplas discussões e na Geografia o contexto não é diferente. Segundo Campos (2012) é delegado aos cursos de Geografia um tempo de quatro anos para transformar aquele jovem que, muitas vezes, entra na universidade com defasagem de aprendizagem, em um profissional com vasto conhecimento no saber docente, pois além de conhecimentos científicos específicos da Ciência que irá lecionar são necessários conhecimentos acerca da prática pedagógica.

Durante a formação, somos provocados a sermos docentes reflexivos, capazes de construir o pensamento geográfico e não apenas transmitir conhecimentos prontos e "imutáveis". A partir da formação inicial buscamos entender como desempenhar a profissão professor na prática escolar.

Por meiodas leituras para a construção da fundamentação teórica foi possível constatar a preocupação de autores como Almeida, Ghedin e Leite (2008) em relação à formação docente, baseando-se no pensamento de que os professores não estão recebendo preparo inicial suficiente nas instituições para enfrentar os problemas do cotidiano nas salas de aula. "A formação inicial do professor se apresenta de forma insuficiente e aligeirada, não sendo capaz de suprir os desafios da formação docente"(ALMEIDA, GHEDIN e LEITE, 2008, p.29). Concordamos com os autores que essa profissão exige uma série de habilidades que não é possível de ser concretizada na formação inicial, como por exemplo, o pensamento sistemático, a criatividade, o trabalho em equipe, dentre outros conhecimentos, experiências que demandam um tempo maior para se efetivarem.

Diante do exposto é preciso repensar a formação de professores de acordo com a necessidade social da escola pública, aberta ao novo, capaz de oferecer ao aluno caminhos para a busca de respostas aos problemas que enfrentam no cotidiano. (ALMEIDA, GHEDIN e LEITE, 2008).

Nesse contexto, o objetivo dessa pesquisa está relacionado com a formação de professores de Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná,*campus* de Francisco Beltrão, tendo como base os discentes do 4º ano de 2015. Visamos compreender as principais dificuldades, sobretudo, a concepção que possuem, uma vez que entendemos que essas concepções são frutos das experiências vividas durante o processo de formação.

Ainda, buscamos por meio de questionários verificar se de fato a formação adquirida e conquistada ao longo dos anos oportuniza o desenvolvimento profissional que possibilita o exercício da profissão/professor. Com o propósito de aprofundar a discussão sobre o processo formativo dos licenciandos buscamos a opinião dos docentes que trabalham no curso de Geografia/Licenciatura. Para tanto foram utilizados como instrumento de coleta de dados questionários.

O presente trabalho está organizado da seguinte maneira: em um primeiro momento realizamos uma breve discussão teórica acerca da formação docente em Geografia com base em alguns autores, como: Almeida; Ghedin; Leite (2008), Antunes (2011), Campos (2012), Cavalcanti (2002), Girotto& Mormul (2014), Lessard (2011), Libâneo (1994), Lopes (2010), Moreira (1992) e Oliveira (2015). Posteriormente, buscamos entender como os discentes na etapa final do curso de Geografia/Licenciatura concebem o processo de formação construído e/ou elaborado durante a graduação no curso de Geografia na Unioeste, *campus* de Francisco Beltrão.

2 FORMAÇÃO DOCENTE NO CURSO DE GEOGRAFIA NA UNIOESTE – *CAMPUS* DE FRANCISCO BELTRÃO

Os cursos de formação docente de acordo com Moreira (1992) devem considerar seus estudantes como intelectuais, capazes de assumir responsabilidades pelas decisões relativas aos conteúdos que irão ensinar, a forma como irão ensinar e aos objetivos pretendidos.

> Considerar os professores como intelectuais, porém, implica incitá-los a analisar a função social que desempenham, bem como a examinar que tradições e condições têm impedido uma prática transformadora mais efetiva (MOREIRA, 1992, p.48).

Assim, considerar os docentes como intelectuais envolve ajudá-los a identificar os interesses políticos e ideológicos, as relações sociais da sala de aula, além de estimular o desenvolvimento de capacidades para trabalhar com grupos heterogêneos e utilizar procedimentos alternativos que possibilitem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem dos discentes (MOREIRA, 1992).

Os desafios encontrados pelos docentes são constantes e, de acordo com Freire (1997), um bom exemplo é quando o professor recém-formado chega à escola para assumir uma turma e depara-se com uma realidade diferente da que talvez estivesse planejando. Com o medo de enfrentar a situação é comum ocorrer a acomodação, o docente acomoda-se com o ritmo da escola, prefere acompanhá-la do jeito que se encontra do que tentar mudar a realidade.

É válido ressaltar que a maioria das escolas estão distantes da sociedade, ou seja das necessidades dos sujeitos da sociedade atual,são frequentadasporque é obrigatório e não necessariamente porque são importantes. Geralmente os discentes não conseguem perceber a relevância de estudar certos conteúdos, por vezes, porque os contéudos não condizem com a realidade em que convivem.

Freire (1996) ressalta ainda que ensinar é criar possibilidades para que o discente consiga construir suas próprias ideias, ao invés de apenas repetir as palavras do docente ou dos livros.Para isso, é preciso se sentir parte do mundo,ter consciência de que estamos em constante transformação, reconhecer as condições econômicas, sociais e políticas quepermeam nossas vidas.

É importante mencionar que devemos estimular o pensamento crítico desde as anos iniciais da Educação Básica. Todavia, muitas vezes os discentes não são instigados a pensar. A curiosidade pelo saber não está sendo despertada. Os discentes estão cada vez mais alienados no mundo (FREIRE, 1996).

Segundo Freire (1996) outro saber necessário a prática educativa é o respeito a autonomia e dignidade de cada um. O docente deve respeitar a curiosidade e a linguagem do discente, pois, ao chegar na sala de aula, o mesmo traz consigo uma bagagem de vivências e experiências.

Diante disso, o docente deve ter em mente a importância de realizar a autoavaliação para verificar em que momento e em que aspectos sua prática de ensino necessita de melhorias (FREIRE, 1996).

Para desenvover a autonomia discente o professor pode promover dinâmicas de aprendizagens coletivas, com trabalhos em grupos, debates, proporcionando assim uma diversidade de ambientes de trabalho. Com essa prática, o discente irá conhecer novas opiniões, aprendendo a respeitá-las e tendo mais confiança em si mesmo para expressar suas ideias e defendê-las diante da turma (FREIRE, 1996).

É perceptível a complexidade do ser/professor e as dificuldades do cotidiano, seja com relação aos conteúdos como são trabalhados, a realidade dos discentes, a escola como novo ambiente de trabalho, enfim, é necessário que o futuro docente tenha se apropriado de uma significativa bagagem teórica construída durante sua formação para que possibilite suprir as demandas da futura profissão.

Diante de um tema tão abrangente compreender o processo de formação de professores em Geografia da Unioeste/FB é um desafio, contudo é algo que nos possibilitouentender a organização e os objetivos que se pretendem alcançar ao longo dos quatro anos de formação. Para tanto,buscamos realizar um resgate histórico sobre surgimento da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, do curso de Geografia/Licenciatura e seus desdobramentos.

3 BREVE HISTÓRICO DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNIOESTE *CAMPUS* DE FRANCISCO BELTRÃO

A Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), no qual o curso em estudo está inserido possui uma história bastante recente. Originou-se a partir da integração de quatro faculdades municipais, localizadas nas cidades de Cascavel, Foz do Iguaçu, Marechal Cândido Rondon e Toledo, que em 1994 tornou-se uma universidade organizada no sistema multicampi. O *campus* de Francisco Beltrão surgiu apenas em 1999 através de um intenso movimento de luta estudantil e da comunidade local; ocorreu a incorporação da Faculdade de Francisco Beltrão (FACIBEL) à Unioeste. Sendo que o curso de Geografia foi dividido em duas modalidades: Licenciatura e Bacharelado no ano de 2004 (GIROTTO & MORMUL, 2014).

Com a divisão do curso nas duas habilitações, foi elaborado no ano de 2003 o Projeto Político Pedagógico (PPP) que seria implantado no ano letivo de 2004. Porém, após três anos da implantação perceberam-se algumas fragilidades que deveriam ser repensadas. Como exemplo das mudanças ocorridas pode ser ressaltado: a disciplina de Estágio Supervisionado que passou a ser trabalhadoa partir da segunda metade do curso, o aumento da carga horária de algumas disciplinas e melhor distribuição das disciplinas pedagógicas, pois grande parte estava concentrada no 2º ano do curso. Todas essas mudanças foram possíveisa partir de discussões entre docentes e discentes do curso de Geografia que resultou na reorganização da distribuição de algumas disciplinas pedagógicas e de conteúdo específico, readequando também as cargas horárias práticas das disciplinas para melhor integração entre elas (PPP, 2006).

Entendemos que transformações podem ocorrer quando se busca melhores resultados no processo de formação docente. E, como mencionado, já ocorreu uma redistribuição entre as disciplinas no intuito de melhor colaborar com a formação dos discentes. No entanto, Campos (2012) considera necessário para o processo de formação docente que as disciplinas relacionadas à docência sejam trabalhadas desde o primeiro ano da graduação possibilitando um contato com a realidade da escola desde o início.

No intuito de haver maior relação entre a teoria com a prática houve a reformulação em todos os cursos de formação docente do país, com a implantação da Prática como Componente Curricular (PCC). O curso de licenciatura em Geografia, em Francisco Beltrão, começou a desenvolver a PCC no ano de 2004. Sendo elencadas 402 horas para seu desenvolvimento com o objetivo do discente obter contato com o ensino desde as séries iniciais do curso de graduação. Portanto, cada curso organizou a PCC de acordo com a sua realidade. No caso do curso estudado, essa é realizada de maneira que todas as disciplinas, durante a graduação, destinam carga horária para Prática como Componente Curricular (OLIVEIRA, 2015).

Entretanto, em pesquisa realizada[1], Oliveira (2015) afirma que apenas 46% dos docentes destinam carga horária para PCC em sua disciplina. Os demais não possuem nenhuma carga horária para essa finalidade justificando que desconhecem essa discussão por ser recente e, também, por possuírem experiências frustradas.

[1]Pesquisa de Dissertação de Mestrado do curso de Pós-Graduação da Unioeste – *Campus* Francisco Beltrão, que buscou realizar uma pesquisa com os docentes do curso de Geografia a fim de verificar se os eles estão destinando carga horária de sua disciplina para que os discentes pudessem desenvolver a Prática como Componente Curricular (PCC) no ano de 2015.

Diante dos desafios existentes perante a formação do ser/professor, há alguns mecanismos capazes de melhorar a formação docente. Como é apontado por Campos (2012), é necessário destinar mais investimentos para a educação, proporcionando aos docentes salários semelhantes a outras profissões de nível superior, além de políticas que exigissem que as disciplinas de tronco comum, componentes dos currículos da licenciatura, garantam uma parte destinada a "didatização" dos conteúdos técnicos possibilitando ao discente qualificar sua formação, através de metodologias que discutam como ensinaros conteúdos específicos trabalhados durante a graduação.

> Porém, sabemos que a universidade não é capaz de oferecer ao mercado de trabalho um professor pronto, porque o professor é o sujeito de sua história, protagonista do seu tempo e do seu trabalho (CAMPOS, 2012 p.11).

Concordamos com Campos (2012) quando ressalta que o professor está em constante processo de formação, seja pela formação continuada ou através da sua prática em sala de aula. O importante é não acomodar-se perante os fatos e/ou dificuldades vivenciadas.

É necessário que o docente analise sua prática e aprimore a qualidade do seu trabalho. Mas, para isso é primordial que a sua concepção teórico-prática e o domínio das bases teórico-científico estejam bem articulados com o processo de ensino e aprendizagem (LIBÂNEO, 1994).

A partir do exposto sobre a história do curso de Geografia da Unioeste – *campus* Francisco Beltrão, a seguir será analisado a concepção dos discentes e docentes sobre o processo de formação dos licenciados de Geografia.

4 A CONCEPÇÃO DOS DISCENTES E DOCENTES SOBRE O CURSO DE GEOGRAFIA/LICENCIATURA UNIOESTE –*CAMPUS* FRANCISCO BELTRÃO

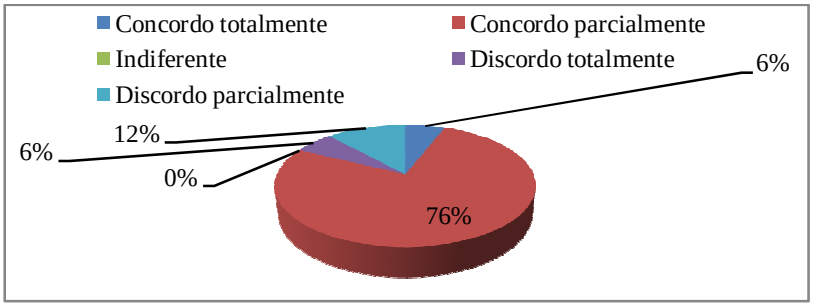
Os sujeitos da pesquisa empírica desse estudo foram 17discentes (de um total de 24) do 4º ano de 2015 do curso de Geografia/Licenciatura da Unioeste - *campus*de Francisco Beltrão. É necessário ressaltar que a maioria dos discentes são trabalhadores, predominantemente do sexo feminino e residem em grande parte em municípios do sudoeste do Paraná, sendo necessário se deslocar todas as noites até a universidade. Estão presentes, portanto, na universidade apenas durante o período das aulas. Poucos são os que possuem

bolsas de pesquisa, extensão, iniciação a docência e vivenciam de fato a universidade. Seja pela falta de tempo, devido ao trabalho ou a distância percorrida; poucos inclusive realizam a leitura dos textos propostos para discussões durante as aulas.

Para melhor entender o universo da pesquisa foi realizado um questionário com oito questões fechadas e três questões abertas para que os discentes pudessem expor asopiniões em relação ao processo formativo. Foi distribuído um total de 21 questionários, porém, apenas 17 retornaram. Os docentes do curso de Geografia/Licenciatura também participaram da pesquisa, respondendo um questionário com seis perguntas fechadas e três abertas. Foram entregues 16 questionários e desses11 retornaram,o que contribuiu para a efetivação desse estudo. As respostas obtidas por meio dos questionários foram sistematizadas e apresentadas na forma de gráficos e tabelas e estão distribuídos a seguir.

Uma das questões propostas aos discentes foi “Os quatro anos de formação no curso de Geografia na Unioeste me preparou para atuar como docente na educação básica”. No qual podemos observar os seguintes resultados.

Gráfico 01: Preparação para a docência



Fonte: Elaborado pela autora.

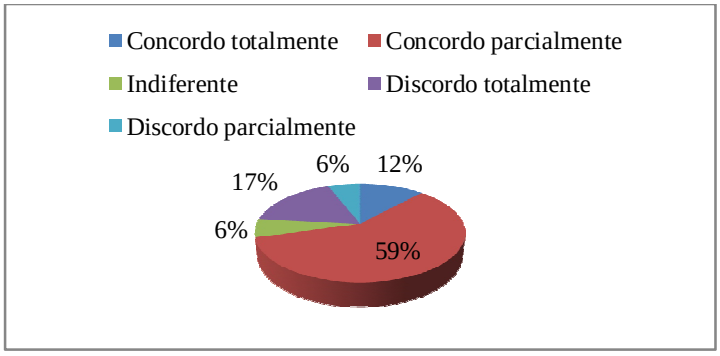
Percebemos a partir das respostas que a maioria dos discentes considera-se parcialmente preparados para atuar na Educação Básica, porém, para Almeida, Ghedin e Leite (2008) essa insegurança é considerada normal, pois existe uma série de habilidades que o professor deve ter e que a formação inicial não é capaz de oferecer. Mas, com a prática e futuras especializações isso irá fortalecendo a formação.

Por outro lado, ao direcionarmos a discussão para o curso em estudo, percebemos que existem algumas fragilidades que interferem significativamente no processo de formação. Como destacam Girotto & Mormul (2014), a formação não ocorre de maneira articulada, pois as disciplinas de conhecimento geográfico não se relacionam com as ações de formação docente dificultando o processo, por se tratar de um curso de formação docente todas as

disciplinas deveriam estar interligadas a fim de alcançar um objetivo em comum, ou seja, qualidade da formação.

Com relação se a didática adotada pelos docentes contribuiu para a formação de professores e para o trabalho interdisciplinar 59% dos licenciandos declaram não estar totalmente satisfeitos, isso deriva namaioria das vezes pela ênfase dada na teoria em detrimento a prática, também pela fragmentação curricular, aspecto inerente ao ensino tradicional.

Gráfico 02: Didática adotada pelos docentes



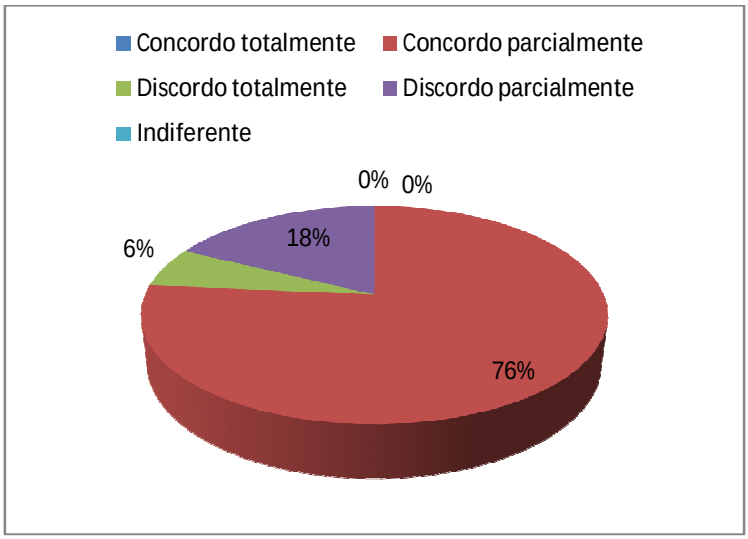
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Campos (2012)afirma que docentes do ensino superiornão direcionam o conteúdo para a formação do futuro docente, muitas vezes por não conhecer a realidade da educação básica, sobretudo porque a racionalidade técnica é vista como único elemento prioritário para a formação de qualquer profissional no ensino superior, porém nos cursos de formação de professores para a educação básicater conhecimento e quiçá vivenciar a experiência da escola é algo importante, seja para qualificar a formação docente quanto para humanizar a formação. Entretanto, sabe-se há docentes que se esforçam para suprir essa situação mesmo não tendo tido contato com a escola, mas muitas vezes isso ocorre por uma vontade individual, em vez de um projeto coletivo.

É importante que os discentes entrem em contato com metodologias de ensino e aprendizagem diferenciadas, durante a graduação para que possam colocar em prática as experiências vividas em sala de aula. Contudo, há também a falta de entendimento do conteúdo o que dificulta ainda mais a docência na Educação Básica, revelando um aspecto emblemático na formação, pois o domínio de conteúdo é algo imprescindível para a ação docente.

Cabe ressaltar que o entendimento dos conteúdos durante o processo de formação é imperativo, pois ao chegarmos à Educação Básica precisamos ter clareza dos assuntos a ser trabalhados. Assim, outro ponto abordado no questionário realizado com os discentes refere-se aos conteúdos trabalhados durante a graduação, se condizem com os possíveis conteúdos a serem trabalhados na educação básica. De acordo com os discentes a maioria não está totalmente de acordo. Como podemos observar no gráfico 03.

Gráfico 03: Conteúdos – Universidade X Educação básica



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Como mencionado anteriormente, alguns docentes trabalham os conteúdos não os direcionando para a atuação do professor na educação básica, uma vez que o objetivo dos docentes de ensino superior é a formação do futuro professor proporcionando ao mesmo o contato com o conhecimento historicamente acumulado. Isso algumas das vezes gera dificuldades para os discentes (futuros professores) no momento da reelaboração dos conteúdos, especialmente porque não se apropriaram ou produziram conhecimento durante a graduação, pois exerceram a função de receptores passivos e não protagonistas de sua formação. Assim não é raro ver professores recém-formados chegarem à educação básica e precisarem se apropriar do conhecimento científico da sua área, uma vez que não o tem, quando não, seguem rigorosamente o livro didático ou até utilizam-no como fonte de estudo para ministrar as aulas (CHEVALLARD, 1991).

Porém, ao questionar os docentes sobre o planejamento das aulas, se são elaboradas de maneira diferenciada por se tratar de um curso de formação docente, todos os entrevistados afirmaram que "sim". Como podemos observar a resposta transcrita abaixo:

> Sim. Busco ressaltar a importância da preparação das aulas, bem como a qualificação do professor, para que seja possível contribuir para um qualitativo processo de ensino-aprendizagem dos alunos. O professor não deve apenas transferir conteúdos, mas estimular os alunos a serem produtores de conhecimento (Resposta dada pelo docente por meio do questionário, setembro de 2015).

A partir da resposta do docente podemos perceber que ele planeja suas aulas voltadas para a formação de profissionais à docência, entretanto, não são todos os docentes que tem essa concepção, já que os discentes indicaram a didática adotada nas aulas por alguns docentes como sendo um dos principais desafios, definindo-as como monótonas e que não propiciam a aprendizagem. Como podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 01: Pontos positivos e negativos na percepção discente

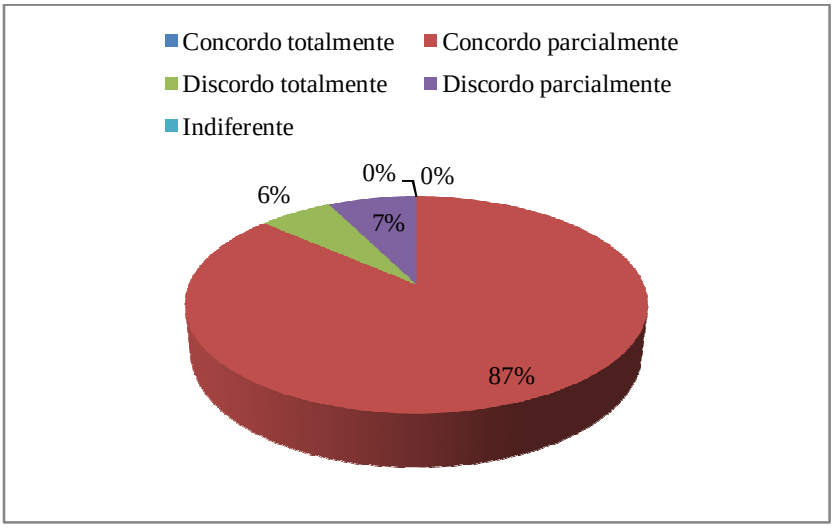
Pontos positivos	Pontos negativos
• Educação gratuita. • Contato com a escola. • Atividades práticas. • Diálogo entre professores e alunos. • Trabalhos de campo. • Professores qualificados. • Existência de bolsas de pesquisa (remunerada ou voluntária). • Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) • Diálogo entre coordenação do curso e alunos.	• Muita teoria. • Conteudismo e decoreba. • Falta de didática de alguns professores. • Pouco tempo para a prática de estágio. • Laboratórios com pouco material. • Falta de transporte (ônibus) disponibilizado pela universidade para trabalho de campo.
	• Maior carga horária das disciplinas pedagógicas. • Falta diálogo entre as turmas para troca de conhecimento.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Outro aspecto ressaltado tanto por discentes quanto pelos docentes como ponto negativo que influencia no processo formativo está relacionado com a falta de articulação entre as disciplinas durante o curso. As disciplinas de conhecimentos específicos geográficos não estão articuladas com as disciplinas da área de ensino/pedagógica. Segundo Libâneo

(1994, p.27) para alcançarmos um resultado qualitativo é importante: “a organização dos conteúdos da formação do professor em aspectos teóricos e práticos de modo algum significa considerá-los isoladamente”. Esses devem ocorrer de maneira articulada em todas as etapas do processo de formação. No gráfico 04 podemos verificar como os discentes não estão totalmente satisfeitos com relação a articulação entre as disciplinas durante o curso.

Gráfico 04: Não há articulação entre as disciplinas



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Diante de tantos desafios encontrados durante o processo de formação, na tentativa de obtermos respostas mais concretas com relação a possíveis melhorias para o curso, os discentes elencaram uma série de sugestões. Como podemos identificá-las abaixo:

Quadro 02 – Sugestões discentes

- Maior preocupação com a transposição didática.
- Maior carga horária de disciplina voltada a docência em Geografia.
- Estágio a partir do 2º ano, curso com mais horas práticas (campo e estágio).
- Aulas mais dinâmicas e com maior envolvimento professor-aluno.
- Melhoria nas estruturas como: multimídia e sala de informática, bem como, o acesso fácil e rápido de internet na UNIOESTE.
- Visar à produção de conhecimento em detrimento da transmissão.
- Maior integração entre as disciplinas.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A partir do quadro podemos rever a questão da didática dos docentes em sala de aula e a reelaboração dos conteúdos para serem trabalhados na educação básica como pontos

ressaltados. Outro ponto que chamou atenção foi que a disciplina de Estágio Supervisionado deveria ser inserida no curso desde o 2º ano, assim como a inclusão de mais disciplinas voltadas à docência. Geralmente as disciplinas que oferecem um contato com a escola ou com práticas voltadas ao ensino são aquelas disciplinas obrigatoriamente direcionadas à docência (Estágio Supervisionado I e II, Didática, Fundamentos da Educação, etc.). Nas demais áreas esse processo quase não ocorre, havendo uma desarticulação entre as disciplinas do curso.

Com relação as principais dificuldades que possuem na prática em sala de aula na educação básica os discentes pontuaram as seguintes questões:

Quadro 03 – Principais Dificuldades

- Assimilar alguns conteúdos com a realidade do aluno;
- A insegurança;
- Realizar atividades interdisciplinares;
- Conteúdos que não são trabalhados em sala de aula na graduação;
- Manter-se informado com os assuntos atuais;
- Conteúdo, indisciplina dos alunos, para fechar carga horária é preciso trabalhar com muitas turmas e em várias escolas.

Fonte: respostas dos licenciandos obtida por meio do questionário
Org. FAREZIN, T. P (2015)

Compreendemos que algumas das dificuldades estão relacionadas com as sugestões propostas no quadro 02. Com exceção da carga horária cumprida pelo docente. Como cada turma de Ensino Médio possui apenas duas aulas semanais de Geografia e no Ensino Fundamental três aulas semanais, para que alguns docentes cumpram 40 horas semanais, muitas vezes, é necessário lecionar em mais de uma escola, sem contar que o trabalho docente ultrapassa as paredes da sala de aula.

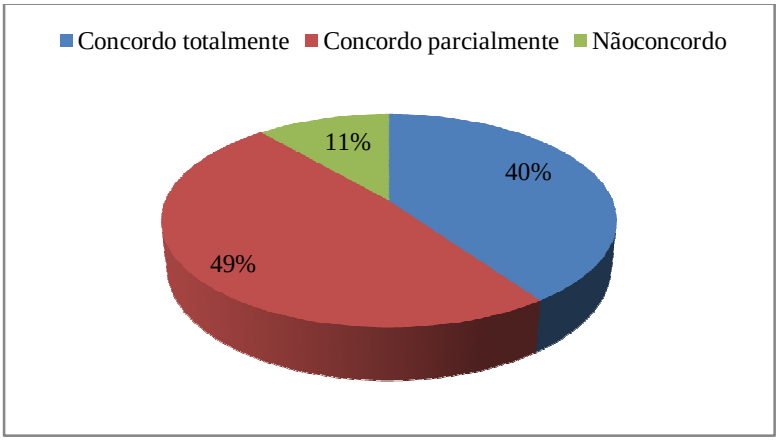
Tardif & Lessard (2001) destacam que de fato existem alguns fatores que implicam diretamente na carga de trabalho docente como: tamanho das turmas, diversidade da clientela, presença de discentes com necessidades especiais, localização da escola, enfim, até mesmo os modos como eles lidam com esses fenômenos e as estratégias elaboradas para o problema. Além disso, muitos desses fatores remetem à tarefas invisíveis que demandam igualmente a afetividade e o pensamento desses profissionais, ocorrendo a sobrecarga de tarefas que, na maioria das vezes, no ambiente de trabalho não são passíveis de efetivação.

Com relação a importância da prática em sala de aula, Passini (2007) destaca que a disciplina da prática de ensino merece uma maior valorização nos cursos de licenciatura, pois

o contato com a sala de aula não deve se resumir em apenas alguns meses de regência e observação. Existem outros processos importantes presentes na escola que não é possível acompanhar em um pequeno período de tempo. Além disso, “não é possível adquirir prática apenas no último período acadêmico. Para nos tornarmos professores precisamos construir conhecimento profissional, e não podemos realizarmos isso apenas estudando a experiência dos outros” (PASSINI, 2007, p.29), ou seja, existe uma série de conhecimentos que serão construídos somente com a prática, adquiridos aos poucos conforme a experiência no ambiente escolar.

Sabendo da importância do contato com a escola desde o início do processo de formação, durante a pesquisa os docentes se posicionaram bem divididos com relação a atividade Prática como Componente Curricular (PCC). Como podemos constatar no gráfico 05.

Gráfico 05 – Inserção da PCC desde o 1º ano



Fonte: respostas dos licenciandos obtida por meio do questionário
Org. FAREZIN, T. P (2015)

É possível constatar que apesar do Projeto Político Pedagógico do curso de Geografia/Licenciatura enfatizar a respeito da importância de entrar em contato com práticas voltadas a Educação Básica, 49% dos docentes ainda possuem certa resistência em concordar com o fato que a PCC pode contribuir com o processo de formação docente.

Com o intuito de que os docentes melhor pudessem expor sua concepção com relação à formação oferecida pelo curso de Geografia/Licenciatura, além das questões fechadas, foram realizadas três questões abertas, que poderão ser observadas nos quadros abaixo.

Quadro 04 – Pontos positivos e negativos

Positivos	Negativos

• Professores do curso com boa titulação e formação. • Equilíbrio de distribuição das disciplinas entre as áreas da Geografia. • Infraestrutura do curso encontra-se em crescimento; • Há professores que buscamrelacionaros conteúdos com os objetivos do ensino de Geografia. • Desenvolvimento de uma leitura crítica de mundo e relacionando teoria com a prática. • Proximidade entre alunos e professores, o que possibilita o diálogo sobre diversas questões do curso. • A existência de docentes compromissados com a formação docente. • Relação entre os professores da Educação Básica e da Universidade que tem aumentado com o estágio e com o PIBID.	• Inexistência de recursos na universidade para trabalhos de campo e poucas atividades de pesquisas integradas às atividades da graduação. • O estágio ser realizado somente no 3º e 4º ano; falta de condições para ampliar a possibilidade de formar um professor pesquisador. • Pouca carga horária para algumas disciplinas voltadas para a formação de professores. • O foco excessivo no produtivismo científico. • Falta de computadores, livros, materiais didáticos, entre outros. • Dificuldades de diálogo entre os professores do curso para a construção de ações integradas. • Falta de interação entre os conhecimentos das disciplinas. • Falta de valorização dos trabalhos de campo pelos alunos; • Falta de compromisso por parte de alguns docentes.

Fonte: Respostas dos licenciandos obtida por meio do questionário
Org. FAREZIN, T. P (2015)

A partir do quadro exposto, podemos constatar que muitos dos pontos levantados pelos docentes se assemelham com os dos discentes. Ressaltando que também na visão de alguns docentes do curso de licenciatura o contato com a escola apenas nos 3º e 4º ano da graduação interfere na qualidade do processo formativo. Observamos ainda, a importância dada por alguns docentes com relação a qualidade do ensino e não ao produtivismo, que acaba desprezando, muitas vezes, as questões direcionadas ao ensino. O que justifica também, o fato de muitos discentes afirmarem estarem insatisfeitos com a didática adotada por alguns docentes, já que um dos pontos negativos indicados refere-se à falta de compromisso por parte de alguns desses profissionais.

A partir do exposto, cabe destacar que o curso de Geografia/Licenciatura possui algumas fragilidades que podem ser resolvidas pelo próprio curso, como exemplo, maior carga horária para disciplinas voltadas ao ensino, articulação entre as disciplinas e o contato com a prática docente desde o primeiro ano, pois como destaca Antunes (2011 p.12) “As Diretrizes Curriculares

Nacionais proporcionaram a autonomia para que as entidades tenham condição de repensarem os currículos para a formação de professores", podendo receber ajustes conforme as necessidades.

Porém, há outros problemas que não dependem apenas do curso, visto que demandam de recursos financeiros para sanar as necessidades de infraestrutura. Outra questão importante para dinamizar a aprendizagem no curso de Geografia são os trabalhos de campo, contudo o c*ampus* não dispõe de ônibus para sua realização acarretando na, maioria das vezes, em despesas que precisam ser arcadas pelos discentes e considerando o perfil dos mesmos entendemos que essa situação inviabiliza a realização de mais trabalhos de campo.

Nesse sentido, o transporte para trabalho de campo, a disciplina de Estágio estar presente desde o início do curso, a realização efetiva da PCC, valorizar a qualidade dos conteúdos e não o produtivismo, maior carga horária para algumas disciplinas voltadas à formação docente e a maior articulação entre as disciplinas são vistas como necessárias para que os cursos de formação de professores, em especial, nesse caso o curso de Geografia/Licenciatura da Unioeste/FB tenha a qualidade e a importância que merece.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos constatar com esse breve estudo que o curso de Geografia/Licenciatura da Unioeste campus de Francisco Beltrão não é "perfeito". Todavia, a partir das limitações elencadas podem ocorrer melhorias que inclusive já estão pensadase vem sendo efetivadas tanto pelo corpo docente quanto discente.

Como já mencionado, algumas dessas fragilidades podem ser sanadas pelo próprio curso, como exemplo a inserção de práticas relacionadas ao ensino desde os primeiros anos de formação, maior articulação entre as disciplinas do próprio curso, (re) distribuição da carga horária de algumas disciplinas, maior relação entre os conteúdos trabalhados durante a graduação com os que são vistos na educação básica, entre outros pontos ressaltados tanto pelos discentes quanto docentes, ou seja,questões relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem. Porém, há outras demandas que exigem maiores investimentos financeiros, ou seja, melhorias na infraestrutura do curso. Destacamos,principalmente a questão do transporte para a realização de trabalhos de campo, materiais para as aulas nos laboratórios, dentre outros.

O curso de Geografia da Unioeste – *campus* Francisco Beltrão, possui uma série de pontos positivos com relação à formação oferecida, como bem destacaram os docentes e discentes. A titulação do corpo docente o incentivo a pesquisa de iniciação científica tanto voluntária quanto

remunerada, o Programa de Iniciação à Docência (PIBID) são alguns dos aspectos positivos que foram se consolidando a partir de um processo de conquista.

Estamos cientes de que ser professor(a) não é fácil e que a nossa formação não será concretizada com o fim da graduação. Muitos acadêmicos não se mostraram totalmente satisfeitos com a formação obtida, porém devemos levar em consideração que esta fase é apenas uma etapa do processo formativo do(a) profissional professor(a) que deve ser continuado, seja através de cursos de formação continuada ou permanente ou pela realização de cursos de pós-graduação (lato sensu e/ou stricto sensu), mas sobretudo com a prática em sala de aula atrelada a contínua reflexão do ser e fazer docente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel; GHEDIN, Evandro; LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. **Formação de Professores:** Caminhos e descaminhos da prática.Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

ANTUNES, HeleniseSangoi. **Ser aluna e ser professora: um olhar para os ciclos de vida pessoal e profissional**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2011.

CAMPOS, Margarida de Cássia. **A formação do professor de geografia:** a difícil construção do saber\fazer docente.Universidade Estadual de Londrina (UEL). Londrina, 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza**. Geografia e práticas de ensino.** Goiânia:Alternativa,2002.

CHEVALLARD, Y. La Transposition Didactique. Grenoble: La Penséesauvage, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes necessária à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não –** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, Editora olha D´água. 1997.

GIROTTO, Eduardo Donizeti;MORMUL, NajlaMehanna. **A formação do professor de Geografia na Universidade Estadual do oeste do Paraná – campus de Francisco Beltrão: Algumas reflexões**. Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia. Florianópolis, 2014.

LESSARD, Claud. TARDIF, Maurice. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 6º Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa. A formação de professores e o aluno das camadas populares: subsídios para debate. In. ALVES, Nilda (Org.). **Formação de professores:** pensar e fazer**.** São Paulo: Cortez, 1992.

OLIVEIRA, Morgana Garda. **A prática como componente curricular na perspectiva da formação inicial do professor de Geografia para a educação básica**. Universidade do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2015. Programa de Pós-Graduação em Educação. (Dissertação de Mestrado).

UNIOESTE. **Projeto Político-Pedagógico do curso Licenciatura em Geografia**. CEPE. Aprovado Projeto Político-Pedagógico curso de Licenciatura em Geografia, do Centro de Ciências Humanas – campus de Francisco Beltrão, Outubro de 2006.